

Jairo Ramos

Exemplo às gerações futuras *



GUIDO ARTURO PALOMBA

Coube-nos, por generosa deferência do Senhor Presidente da Associação Paulista de Medicina, o Professor José Luiz Gomes do Amaral, a honrosa incumbência de dizer, em nome de toda a Diretoria da nossa Associação, algumas palavras nesta sessão solene.

Hoje, dia em que se comemora o centésimo aniversário de nascimento de Jairo de Almeida Ramos, coincidentemente, neste ano de 2000, comemora-se o septuagésimo aniversário de fundação da Associação Paulista de Medicina. Coincidentemente também, a criação desta Entidade está inarredavelmente ligada à vida de Jairo Ramos.

Dessa maneira, nada melhor do que unir, neste momento mágico, a profunda reverência ao centenário de Jairo Ramos e o início dos festejos do jubileu desta Associação.

A ocasião não comporta uma análise minuciosa da laboriosa e fecunda vida de Jairo Ramos, pois seria longo enumerar os seus feitos, seus trabalhos, suas criações, e também porque nesta noite, outros oradores virão e dirão melhor.

Vamos nos ater a Jairo Ramos e o seu papel importantíssimo para a criação e o desenvolvimento desta nossa Associação Paulista de Medicina, que, em verdade, nasceu do sonho de uma plêiade de espíritos empreendedores unidos em torno de um mesmo ideal.

Interessante recordar que na

quele final dos anos 20, a Medicina bandeirante era oligárquica, dominada pela Academia de Medicina de São Paulo, hoje com os seus 105 anos de glórias em conquistas meritórias para os foros científicos de nossa terra.

A Academia era a única entidade médica, e muito fechada, porque os seus umbrais só se abriam por ocasião de uma vaga. Por esse motivo, a classe médica Paulista ansiava por novas diretrizes e novos centros de estudos e de lazer.

É então lançada a idéia da criação de uma novel agremiação, sonho de Alberto Nupieri, homem plural que em suas interminas andanças, por consultórios e hospitais, na catequese aos colegas, logo obteve a colaboração primordial dos maiores de então: Oscar Monteiro de Barros, Potiguar Medeiros, Felipe Figliolini, Barbosa Corrêa, Bernardino Tranchese, Luiz Decourt, Jairo de Almeida Ramos. O bastão de condutor coube a Rubião Meira, que mantendo todos unidos nas mesmas empatias e afinidades, caudatários do sonho inicial de Nupieri, conseguem finalmente fundar a Associação Paulista de Medicina, aos 29 de novembro de 1930.

A história da Associação pode ser dividida em dois períodos. O primeiro, desde a sua fundação (1930) até 1947 e o segundo, de 1948 até agora.

Este segundo momento inicia-se exatamente com Jairo Ramos, que foi presidente da Entidade por dez anos, em eleições sucessivas. A primeira, em 1945; a última em

1955, interrompida, uma única vez, em 1953, quando a Associação ficou sob a presidência do ínclito mestre Benedito Montenegro.

Jairo Ramos, durante as suas gestões, promoveu ampla reforma estatutária, permitindo a reunião, na Associação Paulista de Medicina, das várias sociedades médicas já existentes no Estado de São Paulo, realizando assim a completa união da grei médica paulista.

Mas o grande condestável antevia que para a Associação continuar a sua marcha de ideais e tradição, seria necessário possuir uma sede compatível com a sua importância, foi quando conseguiu, junto às autoridades constituídas, a doação deste terreno na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, e financiamento para ser erguer este edifício de 15 andares no qual ora nos encontramos.

Por esse motivo, o centenário de nascimento de Jairo Ramos e os 70 anos da Associação Paulista de Medicina, unem-se num mesmo instante, na proporção de criador e criatura, de ideal e de realidade, de saudades e de perenidade, tudo a um só tempo, porque Jairo Ramos é imortal nas nossas memórias, é patrono desta sede, e é exemplo para as gerações que hão de vir.

Com o mesmo espírito de liderança que dedicara a esta Entidade, foi professor livre docente da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, fundou a Revista Brasileira de Medicina, fundou a Sociedade Brasileira de Cardiologia, da qual foi presidente, foi professor titular da Escola Paulis-

ta de Medicina, foi um dos fundadores da Associação Médica Brasileira, foi um dos criadores do Conselho Regional de Medicina, escreveu livros, artigos, ensaios, deixou discípulos, conquistou honrarias, comendas e títulos, teve grande círculo de admiradores em todas as classes sociais, e hoje, em justo reconhecimento, seu nome batiza uma praça na Avenida República do Líbano e um colégio estadual no bairro de Pirituba.

Não obstante a singeleza de que se reveste este preto de saudades, serve porém para traduzir a admiração que nós médicos sentimos por Jairo de Almeida Ramos.

Para terminar esta síntese emocional, relembremos um trecho do discurso que fez a uma turma de

médicos recém-formados. Disse: "Aprendam a perdoar, saibam orientar, façam por ensinar, cuidem de construir, pratiquem sua arte com nobreza, labutem com o propósito de dignificar a sociedade, de proteger o homem comum, e de enobrecer a carreira que adotaram".

Dizendo isso àquela platéia de moços, em verdade as palavras espelhavam as suas próprias qualidades de homem, de sábio, de professor e de prático.

Jairo de Almeida Ramos, pere-ne exemplo às gerações futuras.

* Discurso proferido no dia 24/4/2000 durante solenidade em comemoração ao centésimo aniversário de nascimento do professor Jairo Ramos

Leia:

Consultório de Dr. Homero

Paulo Bomfim
Página 4

Divagação

Afiz Sadí
Página 4

Homenagem a Jairo Ramos

Jair Xavier Guimarães
Páginas 2 e 3

Queda das folhas

Paulo Fraletti
Página 4

Jairo Ramos - 24/04/1900 a 24/0

JAIR XAVIER GUIMARÃES

Senti-me profundamente honrado ao receber o convite formulado pelos familiares do Caro e Saudoso Prof. Dr. Jairo Ramos, por intermédio de seu filho Jairo Luis Ramos, para saudá-lo no dia em que comemoramos o centenário de seu nascimento.

Somente encontrei justificativa para esse honroso convite, no fato de ter tido o raro privilégio de pertencer a 1ª Turma de seus alunos na Escola Paulista de Medicina.

Nessas condições, por ter vivido nesta querida Casa desde o primeiro dia de sua fundação, inclusive ter participado das memoráveis reuniões que idealizaram e decidiram a fundação da Escola, e ter tido a ventura de, além de receber seus sábios ensinamentos, conviver bem de perto com o ilustre Mestre, considero-me credenciado a prestar um depoimento imparcial sobre a fundamental importância que representou para a nossa Escola, o trabalho competente, abnegado e altruísta do Prof. Jairo Ramos.

A ele, a Escola Paulista de Medicina muito deve pelo elevado conceito que precocemente conquistou e consolidou no correr do tempo.

A respeito de suas atividades como Professor emérito e sua decidida e decisiva influência na vida da Escola, muito teria a dizer.

Entretanto, procurarei obedecer, mais uma vez, a uma ordem que dele recebi por ocasião da solenidade de comemoração do 20º aniversário da Escola, em 1953.

Nesse dia, ele no cargo de Diretor da Escola, iria pronunciar um discurso, em nome da Congregação, na presença do Governador, do Prefeito de São Paulo, vários Deputados e outras autoridades, discurso esse que mostrava e demonstrava a gravíssima situação econômico-financeira da Escola, comunicando publicamente que os Professores Fundadores estavam dispostos a fechar a Escola se o Poder Público não assumisse a responsabilidade que lhe cabia. Não aceitariam, de modo algum, comprometer o padrão de ensino médico. Por estar exercendo, à época, o cargo de Presidente da Associação dos Ex-Alunos, fui por ele designado para falar em nome de meus Colegas, apoiando integralmente a decisão da Congregação e dirigindo o mesmo apelo ao Poder Público. Essa designação foi acompanhada da seguinte ordem: "Você irá dispor de, no máximo 10 minutos, pois, a vida me ensinou, há muito tempo, que, por mais importante que seja a mensagem a ser transmitida, o tempo de 10

minutos é suficiente".

São tantos os fatos e acontecimentos marcantes na vida do Prof. Jairo, seja como homem, como médico, sobretudo como professor e líder da classe médica brasileira, que, desta vez, não sei se irei obedecê-lo.

Desse modo, sobre uma vida integralmente dedicada ao bem coletivo, com sabedoria, trabalho honesto e produtivo, contarei apenas alguns aspectos de sua atuação nobre e destacada para a fundação e a digna sobrevivência da Escola Paulista de Medicina.

O ano de 1933 encontrara o povo de São Paulo, profundamente magoado com o desfecho da Revolução Constitucionalista.

Ainda conservamos intactas as recordações daqueles quatro meses de 1932, vividos e sobrevividos pelo milagre da união em torno de um ideal - restauração da liberdade democrática, sob a égide de uma Constituição que realmente unisse os brasileiros e os proclamasse iguais perante a Lei, usufruindo dos mesmos direitos e cumprindo os mesmos deveres.

Fiel a seus princípios democráticos, o jovem médico Jairo Ramos alistou-se voluntariamente e foi servir no Hospital de campanha de Cruzeiro, e, posteriormente como Diretor de um Hospital em Taubaté.

Estavam completamente enganados os que julgavam ter aquebrantado nossa fé e minado nossa esperança

O ânimo dos brasileiros de São Paulo sobrevivera inquebrantável.

Tínhamos ainda muito que construir - sem ódio ou ressentimento, que nada constrói, mas com muito amor ao trabalho perseverante.

Havia, por exemplo, muito por fazer no campo da educação médica e da assistência médico-hospitalar.

A única Escola Médica existente em São Paulo, oficial, oferecia um exíguo número de vagas em relação à demanda dos jovens capazes e ávidos de estudar medicina. Milhares de moços se deslocavam anualmente e, longe de seus lares, iam estudar no Rio de Janeiro, Curitiba, Recife e Salvador, outros, menos afortunados, eram obrigados a desistir.

A carência de leitos hospitalares para os economicamente desamparados emergia como outro aflitivo problema social.

Estes problemas, naturalmente, constituíram preocupação mais constante de um grupo de médicos paulistas, categorizados pelo seu conceito profissional e já encaminhados na carreira do magistério superior.

Entre esses, distinguia-se o Prof. Jairo Ramos, que, naquela época já era conceituado como médico e iniciado na carreira docente,

Formandos de 1924 da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Jairo Ramos é o segundo, da esquerda para a direita, sentado



pois era Assistente da 2ª Medicina de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, e Assistente cardiologista da Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Em fevereiro de 1933, ao tomar conhecimento que 119 moços haviam prestado exame vestibular na Faculdade de Medicina de São Paulo, e, embora aprovados, não haviam conseguido vaga, este grupo de médicos decidiu que era chegado o momento de fundar uma nova Escola Médica em São Paulo, realizando assim o sonho há tempo acalentado.

Nesse sentido, promoveram reuniões com os futuros alunos e entre os futuros professores constituíram uma Comissão incumbida de elaborar os Estatutos da Sociedade Civil a ser criada. O Prof. Jairo Ramos foi integrante dessa Comissão e um dos relatores do memorável manifesto que, em 1 de junho de 1933, comunicava ao povo de São Paulo a fundação da Escola Paulista de Medicina.

Permitam-me citar apenas um item constante do Estatuto da Sociedade Civil, e que ressalta o grau de idealismo desses fundadores. Estava documentado que eles, além de não receberem nenhuma remuneração pelo magistério, iriam contribuir com uma quota de cinco contos de réis para a instalação da Escola, quota essa irreversível.

Em virtude de seu lastro de conhecimentos burilados na 2ª Medicina de Homens, o Prof. Jairo Ramos assumiu a Cátedra de Clínica Propedéutica, iniciada em 1936, na Escola Paulista de Medicina. Por não haver ainda campo prático para o ensino, foi conseguida a utilização dos doentes internados nas enfermarias do hospital beneficente Humberto Primo.

No exercício dessa função, ele demonstrou sua competência e criatividade, iniciando uma nova fase na prática médica, constituída pela rigorosa observação clínica do doente, instrumento precioso para captar sintomas e sinais clínicos e interpretá-los à luz de um raciocínio lógico, com o objetivo de alcançar um diagnóstico correto, visando uma terapêutica adequada.

Esse talento para o magistério, sobretudo o amor ao trabalho e a tenacidade em cumprir sua missão durante cerca de 30 anos, gerou milhares de discípulos, que no exercício de sua profissão puderam aplicar o aprendido

que o Prof. Jairo sabiamente havia lhes transmitido - Tudo isso, em benefício dos doentes.

Um outro ato pioneiro do Prof. Jairo, de fundamental importância para a reestruturação do ensino médico no Brasil, foi a criação, em 1951, do Departamento de Medicina na Escola Paulista de Medicina.

Essa iniciativa somente obteve merecido êxito, face ao carisma e espírito de liderança do prof. Jairo, selecionando e estimulando assistentes, inclusive, conseguindo para eles, estágios em Universidades estrangeiras, com o intuito de, quando chegada a hora, atribuí-lhes a incumbência de organizar e chefiar Disciplinas desse Departamento.

O Prof. Jairo foi Chefe do Departamento de Medicina desde sua criação até 1965, ano em que foi injustamente aposentado compulsoriamente.

Além de aprimorar o ensino de Clínica Médica, o Departamento de Medicina propiciou a implantação pioneira dos programas de Residência Médica, Pós-graduação - sensu lato - e, sobretudo, o impor-

homenagem

2000 (centenário de nascimento)



tantíssimo programa de Pós-graduação - sensu stricto - a nível de Mestrado e Doutorado. Somente este programa proporcionou a qualificação de quase todos os Docentes do Departamento de Medicina da Escola Paulista de Medicina e de centenas de docentes das Universidades brasileiras e várias estrangeiras.

Até 1999 já foram titulados 679 Mestres e 409 Doutores pelas Disciplinas do Departamento de Medicina.

Eleito pela Congregação, em 16 de Abril de 1952, assumiu a diretoria da Escola, cargo esse exercido até 21 de Junho de 1954.

No exercício desse cargo, que incluía a direção do Hospital São Paulo, lutou bravamente para conseguir recursos, no sentido de manter o padrão de ensino e a assistência médico-hospitalar adequada.

Como toda instituição particular de fim não lucrativo no Brasil sempre enfrentou graves situações financeiras, em 1953 a Escola vivia uma delas. Foi quando o Prof. Jairo, aproveitando o ensejo da comemoração do 20º

aniversário da Escola, com a coragem e a franqueza características de sua personalidade, pronunciou o discurso já citado, discurso esse, que no meu entender, pela ampla repercussão que causou na Sociedade e no Poder Público, constituiu a semente que iria gerar a federalização da Escola, ocorrida em Janeiro de 1956.

Cumprir-me referir que, para ratificar o antigo provérbio que afirma: "A sabedoria sempre anda de mãos dadas com a humildade", o Prof. Jairo que, em 1950 votara em Congregação contra a federalização, cinco anos após, em longa carta encaminhada a Congregação reconhece publicamente seu erro, concordando que a federalização seria o melhor caminho para a Escola.

Em 1957, juntamente com os Professores Felício Cintra do Prado e José Ribeiro do Vale, editou o livro "Atualização Terapêutica", que atualmente se encontra na 19ª edição.

Mais uma vez, seu atributo de liderança con-

seguiu reunir mais de uma centena de colaboradores altamente categorizados em sua respectiva especialidade. Este livro, o livro médico mais difundido no Brasil, tem sido consulta obrigatória e valiosa orientação a milhares de colegas brasileiros.

Mesmo após sua injusta aposentadoria compulsória, ainda demonstrou seu profundo amor pela Escola, ao assumir a presidência da Sociedade Paulista para o Desenvolvimento da Medicina, entidade mantenedora do Hospital São Paulo, cargo esse exercido de 1964 a 1967.

Antes de terminar este meu depoimento, gostaria de citar apenas dois trechos do discurso que o Prof. Jairo pronunciou, em agradecimento a homenagem que a APM e a EPM prestaram por ocasião de seu jubileu profissional em 1954. (Esse discurso foi integralmente publicado pelo jornal "O Estado de São Paulo" em 12/11/1954).

Ei-los:

1- "Cedo aceitei o trabalho. A princípio como uma obrigação para quem a fortuna não oferecia vantagens e, posteriormente, como um prêmio que Deus oferece aos que julgam um dever dignificar e honrar a vida que têm de viver. Baseado neste princípio, alicerçado pelo exemplo que recebi do meu lar, encontrei coragem para a luta e aprendi a suportar os revezes utilizando-os como estímulo. Estímulo que hauria das bênçãos recebidas de Deus através do coração, o caráter, a bondade, a amizade e o amor de dois entes queridos: minha mãe e minha esposa. A elas devo tudo que sou e muito mais poderia ser tivesse sabido melhor aprender tudo que me ensinaram de bom".

2- "Melhor e maior prêmio não poderia desejar um professor do que o reconhecimento de seus discípulos, que mesmo atingindo e ultrapassando o valor do mestre, sentem a necessidade de homenageá-lo. São antigos discípulos, hoje expoentes da classe, e os dis-

cípulos mais jovens que resolveram publicar um livro com trabalhos de sua lavra, com o propósito de demonstrar que a semente inicial germinou".

E, também um terceiro trecho de um dos seus pronunciamentos "A coisa mais importante que deixamos nessa vida são nossos filhos. Pense sempre no que é melhor para eles, pois serão sua verdadeira continuação".

Prof. Jairo: Todos nós somos testemunhas: - seus filhos e descendentes, cada um a seu modo, foram e são vossa verdadeira continuação. Cada um deles, através de um trabalho digno e de uma rigorosa conduta ética e moral, sempre souberam honrar vosso exemplo e vossa memória.

Ao terminar, com certeza interpretando o pensamento e o sentimento de milhares de seus discípulos, queremos inscrever duas dedicatórias no monumento que simbolicamente erigimos em homenagem ao Caro Professor Jairo Ramos, no dia em que comemoramos o centenário de seu nascimento.

A primeira inspirada numa citação de Rui Barbosa, escrita em 1903:

"A frente do sacerdote se verga para o cálice consagrado. A do lavrador, para a terra. A do que espalha o grão da verdade, para o sulco soaberto das consciências novas. Todos concorrem para a fecundação divina do Universo. A hóstia, o arado, a palavra, corresponsam aos três Sacerdócios do Senhor.

Mas a suprema santificação da linguagem humana, abaixo da prece, está no ensino da mocidade. O lavrador desse chão devia amanhá-lo de joelhos",

De fato, o Professor Jairo foi o verdadeiro lavrador que, como si fora uma prece, procurou transmitir, de joelhos, sábios ensinamentos a milhares de jovens.

A segunda dedicatória provém de uma mensagem pronunciada por Guilherme de Almeida - o Poeta de São Paulo - em 1936, inscrita no discurso de orador oficial, no ato de lançamento da estaca fundamental do Hospital São Paulo.

Ei-la:

"Ai está, germinada e prosperada a semente: ai está, florescido o ideal; ai está, frutificado o empreendimento! Ai está a Escola Paulista de Medicina. A árvore boa, em boa hora, sob um bom signo, Numa boa terra e por boas mãos plantada".

De fato, as boas mãos do prof. Jairo Ramos contribuiu decisivamente para plantar esta árvore generosa, que hoje continua firme e imperecível, graças ao amor e ao carinho desse magnífico lavrador, por Deus privilegiado.

Bem-aventurados os que cultivam com amor.

Editou o livro de medicina mais difundido no Brasil

textos

DIVAGAÇÃO

AFIZ SADI

Cochilo; súbito desperto sonolento; noite indormida, cansativa, uma réstia de luz invade minha janela. É manhã, o alvorecer do dia. Vejo o sol tentando emergir distante ao fundo. Lusco-fusco; uma neblina densa recobre o horizonte. Diviso entre as névoas ao longe, uma ou outra nesga de terra no meio do mar. Estou frente a ele extasiado com sua beleza e sua grandeza. Saio a caminhar pela praia. Ouço o marulhar das águas, mais intenso. Caminho pelas areias alvas da Tortuga banhando os pés para o despertar melhor com as águas frias e a leveza do ser descarregando a inércia retida no corpo durante a sanha do trabalho exaustivo. Paro e penso; paro e vejo; recorro o passado, auguro o futuro. Ainda com minhas cãs almejo o futuro; penso nos tempos de outrora, no passado remoto que não volta mais, porém deixou cicatrizes indelévels; tempos idos, tristes, alegres, felizes; contatos perenes. Mulher da minha mocidade, amores constantes, paixões fulgurantes e passageiras. Vejo, em meio ao pensamento, as ondas plácidas que borbulham as águas e morrem mansamente na praia alva. Vez ou outra uma onda mais audaz arrebenta-se no rochedo da península balouçando intensamente uma embarcação próxima. Vejo as

águas babantes na seqüência das ondas, num vai e vem incessante fluindo na praia. O sol vai surgindo lento e dissipa-se a neblina. Vê-se agora o mar em toda sua plenitude; verde manso ou bravo próximo e ao longe azul no horizonte até onde a vista possa alcançar num infinito indescritível e não crível.

Vejo a Moela e seu farol invariável e na ponta da ilha a sua direita as Astúrias, e, o Tombo indefectível. Paro para pensar e passo: tudo é beleza, tudo é lembrança, tudo é saudade e ânsia de um retorno vivido e jamais revivido nessa página da vida que esvaiu com a velocidade inexorável do tempo. Tempo malévolo, indecoroso, vingativo que traça sua trajetória para a vida e nada o faz retroceder. Parado penso mais um pouco: vejo o babar das ondas calmas em meu corpo; ultrapassando-o sem traumas e recorro a mulher dos meus sonhos e da minha mocidade: uma paixão transformada em amor que vive há quase meio século e mais viveria se o tempo fosse magnânimo e não implacável. Essa vivência teve início no mar e creio terminará nas ondas verdes e azuladas que hoje diviso com meu olhar de uma saudade acre-doce.

Afiz Sadi é professor titular de Urologia da Escola Paulista de Medicina (1964 a 1994), membro emérito da Academia de Medicina de São Paulo.

O CONSULTÓRIO DE DR. HOMERO

PAULO BOMFIM

No andar de um prédio na Barão de Itapetininga, lia-se: - "Dr. Homero Silveira - Médico de Vias Respiratórias".

Baixo, rosto enrugado, cabelo branco, voz estridente e ar de bravo, Homero Silveira foi pessoa sábia e encantadora. Quantos poemas radiografados naquela sala de raio x, onde Lygia chegava com suas "Histórias do Desencanto" e eu com os sonetos do "Armorial"!

Homero, irmão de Alcântara Silveira, tinha o pavio curto de seu tio Silveira Bueno, bravezas de descendentes do "Anhanguera"! Ganhava amigos e inimigos, discordando dos donos dos suplementos literários, estendendo as mãos aos jovens que vinham surgindo a duras penas. Foi médico de Rodrigues de Abreu. Informadíssimo, tanto escrevia sobre a doença em Dostoiévski, como a propósito das tendências estéticas da vanguarda.

A Barão de Itapetininga ao som de violinos fantasmas, lembra o consultório de Homero. Na sala onde Guilherme de Almeida escrevia suas crônicas, o atelier de Quirino da Silva, o apartamento de Flávio de Carvalho, a Livraria Francesa e o Clube dos Artistas e Amigos da Arte. Poderia recordar também os snookers "Tu-

jag" e do "Hotel da Paz", com mesas "Saverio Blois", de caçapas exatas.

Barão de Itapetininga, Cadete Santos, que plantou no Anhangabaú, o chá que, um século depois, iríamos tomar na "Sela" e na "Vienense".

Paulo Bomfim é Príncipe dos Poetas brasileiros

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor:

Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto:

Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:

Duílio Crispim Farina (presidente)

Carlos Alberto Salvatore

Antônio Valdemar Tosi

Marisa Campos M. Amato

João Marques Teixeira

Cinemateca:

Wimer Botura Júnior

Pinacoteca:

Aldir Mendes de Souza

Museu da História da Medicina

Jorge Michalany

poesias

PALMEIRA SOLITÁRIA

(Destino Vegetal)

Paulo Fraletti

*Andando pelo campo vejo ereta,
Ao longe, e solitária, uma palmeira
Figura altiva de mulher correta,
Dominando o vergel de uma clareira.*

*Já foi floresta o campo eu bem o sei,
(a mim contaram velhos lavradores)
De árvores de madeiras só de lei,
Dando a vegetação mais esplendores!*

*Entre mata e vergéis muitas searas
Existiam em meu tempo de menino
À distância e bem próximo à cidade.*

*As florestas tornaram-se coivaras,
Depois vergéis cumprindo o seu destino
Em uma natural fatalidade.*

QUEDA DAS FOLHAS

Paulo Fraletti

De instante a instante nova folha cai
Do velho caquizeiro do pomar...
É quase fim de outono, e ele vai
Ficar despido inteiro sem secar!

E fica, assim tão nu, a impressionar
Quem o contempla qual velho magrinho,
No inverno, sem as vestes, a causar
Só pena e compaixão, e até cainho!

Oh! Velho caquizeiro que me destes
Tanto prazer ao me ofertar teus frutos
Pudesse eu devolver as tuas vestes,
Vendo-te verde, semelhante a arbustos!

Também a vida é assim, a renovar-se
Em ciclo-os seres todos do universo
E mesmo o amor, que exige sem disfarce,
De tempo em tempo o seu lado reverso!